

CONTRIBUÇAO AO ESTUDO ETNO-BOTÂNICO DE PLANTAS DO GÊNERO *ERYTHRINA* USADAS EM RITUAIS DE RELIGIOES AFRO-BRASILEIRAS

por Maria Thereza Lemos de Arruda Camargo*

Resumen

En el presente trabajo se dan a conocer las especies del Género Erythrina Leguminosae. Papillonoideae, usadas en curas y rituales religiosos afro - brasileiro.

Astract

In the present work is reported the use of Erythrina species, Leguminosae, Papillonoideae employed for therapeutic and ritual purposes in afro-brazilian ceremonies.

INTRODUÇÃO

O objetivo do presente trabalho é o estudo de espécies do gênero *Erythrina* - Leguminosae Papilionoideae, conhecidas por mulungu, usadas nas curas e nos rituais religiosos afro-brasileiros.

Visa, ainda, analisar a correlação existente entre os princípios ativos, atividades biológicas e os usos nas curas de doenças segundo a cosmovisão médica própria dos ambientes religiosos investigados.

As espécies seleccionadas para o trabalho foram:

Erythrina verna Velloso (*E. mulungu* Mar.)

E. corallodendron Linné

E. speciosa Andrews

* Rua da consolacao 32763, Ap. II Sao Paulo SP, Brasil.

Erythrina spp - Gênero pantropical e subtropical, com espécies bastante numerosas em ambos os hemisférios; no Brasil, melhor representado no Sudeste e, depois, na Amazônia. Árvores de variadas dimensões, com madeira mole e flores grandes, vistosas, vermelhas ou mais raramente alaranjadas, só em *E. amazonica* Krukoff, róseas (1).

Gabriel Soares de Souza (2) já registrara no século 16 comedoi (tupi), que quer dizer: cuman+oi= o feijão que, por si mesmo se solta, ao tratar da *Erythrina verna* Velloso (*E. mulungu* Mart.).

Mulungu corresponde a mulungo, segundo os comentários e notas de Pirajá da Silva sobre a obra quinhentista mencionada.

No século 18 já se fazia referência ao mulungu, também chamado argueiro, usado como emoliente e resolutivo (3).

O Dicionário Português-Umbundo (4) apresenta o verbete mulungu: o mesmo que mulungo e equiparado ao "muave" e que se emprega em provas judiciais como prova de veneno, ombuloungo. "Muave", planta venenosa conhecida por pau-dos-feiticeiros, "ũfila-nganga".

Umbundo é língua falada no centro de Angola.

Considera-se, ainda, que na África existem espécies de *Erythrina* tais como: *E. abyssinica* (DC) Lam., *E. caffra* Thumb. *E. tomentosa* (A. Rich.) R.Br., conhecidas por "murungu" pelo povo Shabala e pelo povo Manika e "mungu" pelo povo Sucuma. (5).

Segundo o *Dictionary of modern yoruba* (6), há referência à *Erythrina senegalensis* Chevalier, "Ologún sesè", nome dado a uma árvore dedicada ao deus da caça.

Cascudo (8) citando Ferreira (9), "o termo mulungu é empregado para designar o Ser Supremo em 25 línguas e dialetos do Leste africano, desde o Baixo Zambeze até o lago Vitória e da costa até o rio Luangua. Esse Ser Supremo é vulgarmente tido como Criador, é associado ao trovão, ao relâmpago e à chuva".

Um estudo sobre a medicina indígena americana, diz que as plantas do gênero *Erythrina* eram usadas por índios da América do Sul e da América Central com propósito tóxicos e medicinais.

É sabido que muitas plantas conhecidas dos negros na África, foram no Brasil identificadas por eles, passando a usá-las. Entre elas, certamente estavam as várias espécies de *Erythrina*, principalmente a *E. verna* à qual foi dado pelos negros o nome vulgar de mulungu.

Os dados sobre as espécies de *Erythrina* apresentadas neste trabalho foram obtidos através de pesquisa de campo e bibliográfica.

A pesquisa de campo compreendeu entrevistas com pai-de-santo de candomblé de tradição queto e com informantes conhecedores do assunto ora em estudo, fora de seus ambientes de trabalhos religiosos. As plantas indicadas pelos informantes foram coletadas e conservadas em herbário de referência, após identificação no Departamento de Botânica do Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo.

O trabalho apresenta a relação das plantas selecionadas para o estudo, com indicação dos nomes científicos e vulgares em língua nacional e estrangeira, composição química, atividades biológicas, usos nas práticas médicas populares e nos rituais afro-brasileiros.

Os nomes em língua estrangeira foram obtidos nas obras consultadas.

As informações apresentadas neste trabalho visam constituir subsídios para uma melhor compreensão e interpretação dos papéis desempenhados pelas plantas nos rituais de cura e rituais religiosos das religiões afro-brasileiras.

Material e método

Os critérios metodológicos foram orientados pela pesquisa de campo em candomblé queto da cidade de São Paulo e pela pesquisa bibliográfica.

Dentre as espécies do gênero *Erythrina*, foram selecionadas as seguintes:

E. verna Velloso

E. corallodendron Linné

E. speciosa Andrews

Tal seleção decorreu do fato de serem essas as espécies mais conhecidas por mulungu, segundo a pesquisa.

As espécies botânicas são apresentadas com seus nomes científicos, família, distribuição, parte usada, nomes vulgares em língua nacional e estrangeira, composição

química, atividades biológicas, usos nas práticas médicas populares e nos rituais afro-brasileiros.

A pesquisa de campo compreendeu entrevistas no candomblé de tradição queto Ile axefun mi, na cidades de Sao Paulo.

A pesquisa bibliográfica obedeceu ao seguinte critério metodológico:

1. Leitura de obras relacionadas à Botânica, Etnobotânica, áreas de Ciências Farmacêuticas e Ciências Sociais.
2. Leituras de obras acadêmicas sobre as plantas seleccionadas para o estudo das práticas médicas populares de cura e dos rituais religiosos de influência e origem africana no Brasil.
3. Outras leituras que serviram de suporte para discussões quanto a análise e interpretação dos dados levantados.

Resultados

Abaixo as plantas seleccionadas para o trabalho, segundo Krukoff (11).

Erythrina verna Velloso

E. mulungu Martius

Corallodendron mulungu (Martius) Kuntze

Erythrina flammea Herzog

Distribuição: Centro e Sul do Brasil e leste da Bolívia

Erythrina corallodendron Linné

E. spinosa Miller

E. inermis Miller

E. corallifera Solisbury

Corallodendron occidentale Kuntze

Distribuição: Jamaica e Haiti

Erythrina speciosa Andrews

E. poianthes, Brotero

(?) *E. graefferi* Tineo

E. poianthes var. *subnervis* Lindley

E. reticulata Presl.

Micropteryx reticulata (Presl.) Walpers

Stenotropis bertoroi Hasskarl

Corallodendron reticulatum (Presl.) Kuntze

Distribuição: da Bahia a Santa Catarina

Nomes vulgares:

Bico-de-papagaio, comedoi (tupi), molongo-branco, muchocho, mulungu, murungu, pau-coral, pau-imortal, sananduva, suina, suiná, sapatinho-de-judeu.

África: ológùn sesè (ioruba)

Colombia: chocho, coral

Conchichina: cay-boung

Costa Rica: popró blanco

Cuba: bucare, piñon de costa, piñon espinhoso, eféke, yerin (lucumi), fosóngako (congo)

EUA: coral tree

Inglaterra: coral bean tree

Martinica: imortalle

México: arbol madre

Taiti: atae

Venezuela: parichigue, peonia

Composição química

As *Erythrina* spp relacionam-se com as plantas do gênero *Chondodendron* e *Strycnos*, com alcalóides de ação curarizante (12). Os alcalóides presentes nas *Erythrina* spp, eritrina e eritroidina, este constituído de dois alcalóides isômeros, alfa e beta-eritroidina, ambos dextrógeros (13). Estao, ainda, presentes eritrocoraloidina e migurrina (glucósido análogo à soponina) (14) e Da Matta faz referência à rotenona, substância cristalina com ação inseticida (15). Segundo Raffaut (16) estao presentes os alcalóides: ërysodine, dihidroerysodine, glacoerysodine, tetrahydro-erysodine, reysonine, erysothiopine, erysothiovine, erysovine, erythraline, erytramine, erythratiodine, erythratine, dihidro-erythratine, erytrina base, alfa-erythroidine, beta-erythroidine, hypaphorine, hypoguavine. Os alcalóides eritratidina, erisodina e erisovina foram isolados da *E. flacata* (36) (37). Da espécie *E. dominguezii* foram isolados: erisodina, erisopina e erisovina (37). Da *E. crista galli*, os alcalóides: erisolina, erisopina e erisovina (37). Das sementes da *E. falcata* foram isolados: erisopina, erisodina, erisonina e eritrotidina (38). Há, ainda, o alcalóide erysocine de ação semelhante ao curare, isolado de diversas espécies de *Erythrina* (17).

Atividades biológicas

Sao apresentadas aquelas indicadas nas obras consultadas e as obtidas em pesquisa de campo.

As sementes das plantas do gênero **Erythrina** contêm alcalóides de ação curarizante. As propriedades farmacológicas do beta-eritroidina e de seu derivado diidro são muito semelhantes da d.tubocurarina, alcalóide isolado de gênero **Chondodendron**. Os compostos diferem do curare em 3 aspectos: ação paralisante menos potente sobre as junções neuromusculares, duração mais breve da paralisia e eficácia oral. Ao contrário do curare, causa depressão do SNC em doses clínicas (13).

O alcalóide eritrina é usado como antídoto da estriquina (18) e a ingestão da casca pode causar morte (19).

A eritrocoraloidina presente nas cascas das hastes e folhas são de ação hipnótica, béquica e peitoral, não ocasionando forte hiperemia para o cérebro (15).

A casca tem ação purgativa, diurética e calmante nas excitações nervosas, e a folha de uso tópico, de ação anti-dontálgica e para curar úlceras e hemorroida (20) (21).

As propriedades da casca da **Erythrina corallodendron** Linné foram apresentadas em 1930 pelo Laboratório Silva Araujo, a partir do extrato líquido ou da tintura, como sendo hipnótico e sedativo, recomendado como preferível ao ópio e à beladona, por provocar sono tranquilo, "sem determinar congestão do sangue para os centros cerebrais". Acrescenta que acalma as tosse das bronquites e modera os acessos de asma (23).

Usos nas práticas médicas populares

"Dizer que alguém merece chá de mulungu é publicidade bastante em diagnóstico psicopático. Na sombra do mulungu não brincam crianças e sim meninos já taludos. A penumbra da árvore enfraquece, debilita, esgota. Por isso tranquiliza os candidatos sôfregos da insanidade" (24).

A espécie de mulungu na Amazônia é a **Erythrina corallodendron** Linné (15). Nessa região o mulungu é confundido com molongo (**Ambelania grandiflora** Hub.), também conhecida por pepino-doce (25). O verdadeiro mulungu é empregado (casca) contra excitações nervosas, na inflamação do fígado e baço (35).

As plantas do gênero **Erythrina** já eram usadas pelos índios da América do Sul e América Central com propósitos tóxicos e medicinais, como hipnótico, diaforético e emenagogo, além de seu uso como veneno para a pesca (10).

Erythrina verna Velloso é usado no Estado da Paraíba na forma de decocto da casca no tratamento da asma e afecções intestinais (26).

A mesma espécie citada acima é empregada no Estado do Paraná como hipnótico e sedativo suave do sistema nervoso (27).

Na Bolívia as sementes de ***E. corallodendron*** Linné são venenosas e a casca e talos machucados empregam para entorpecer peixes (28).

No México, a casca de mesma espécie citada acima é usada na bronquite, asma e neuralgias crônicas, além de ser hipnótico e sedativo (14).

Na Argentina, entre as espécies indígenas estão a ***Erythrina crista-galli*** Linné, também chamada “seibo” e considerada “flor nacional argentina”. A casca dessa planta é empregada como cicatrizante, possuindo propriedades adstringente, narcótica e calmante (29) (30). Quanto às flores e folhas, estas são também de ação narcótica e calmante (31).

Usos em rituais de religiões afro-brasileiras

Bastide (32) apresenta o mulungu (*Erythrina corallodendron* Linné) empregado no catimbó do Ceará como peitoral, calmante, emoliente e nos candomblés da Bahia é usado nas bronquites e como sedativo das doenças nervosas.

Cascudo (33) também indica a mesma espécie usada no catimbó do Rio Grande do Norte, como peitoral e calmante das excitações nervosas.

Ainda a mesma espécie, segundo Figueiredo (24) em pesquisa na zona Bragantina, próxima a Belém. Empregam-na em rituais religiosos de influência africana e na pajelança. Nas práticas de cura usam o decocto da casca para tratar inflamações de fígado e baço.

Conforme informações do pesquisador e mestrando Ulysses Paulino de Albuquerque da Universidade Federal do Pernambuco, a espécie usada em rituais afro-brasileiros em seu estado é a ***Erythrina velutina*** Wild., que é empregada no preparo de banhos de “descarrego”, com o propósito de trazer bem estar e tranquilidade ao usuário. Acrescenta, ainda, seu uso em garrafadas medicinais, às quais associam angico (***Anadenanthera colubrina***), barbatimão (***Stryphnodendron sp***) e aroeira (***Schinus sp***).

Marco Antônio da Silveira, pai-de-santo do candomblé Ile axe ewe fun mi,

pesquisado, diz que mulungu é planta pertencente à Egungum, que segundo ele são espíritos, monstros. Informa, ainda, que as folhas batidas com outras plantas são empregadas em rito fúnebre e para “descarrego”, ou seja, ação de afastar forças negativas de pessoas ou ambientes.

No mesmo candomblé pesquisado o decocto feito com lascas do tronco ou da raiz do mulungu é oferecido aos iniciantes durante o tempo de reclusão exigido, a fim de deixá-los tranquilos e relaxados.

Capsulas de pó de mulungu podem ser adquiridas em lojas especializadas em artigos para rituais afro-brasileiros.

Devido às dificuldades de se obter a espécie *Erythrina verna* Velloso (*E. mulungu*), o pai-de-santo da casa pesquisada a substitui pela *E. speciosa* Andrews, comum nos jardins da cidade de São Paulo como planta ornamental.

Discussão

Observa-se que a espécie *Erythrina verna* Velloso a que deu origem ao nome vulgar mulungu não é, praticamente, mencionada na literatura exaustivamente pesquisada, onde são destacadas a *E. corallodendro* Linné, em raros casos a *E. velutina* Willd. e *E. glauca* Willd. e em um único caso a *E. speciosa* Andrews, usada no candomblé pesquisado.

Sabe-se através dos autores consultados que a gama de alcalóides presentes no gênero estão em graus variados contidos nas espécies.

Dai deduzir que a escolha da espécie a ser utilizada depende tão somente da ocorrência na região em que se encontra o usuário. Exemplo do pai-de-santo em São Paulo que usa a *E. speciosa* Andrews, que por ser também ornamental, é comum nos jardins da cidade de São Paulo, portanto fácil de ser encontrada.

Os dados levantados em pesquisa bibliográfica e de campo permitem observar a unanimidade quanto à propriedade hipnótica da casca do mulungu e seu emprego como sonífero e calmante das excitações nervosas, consumidas oralmente, através de diferentes preparados.

Os efeitos causados pela ação dos alcalóides da *Erythrina* em banhos não foram mencionados nas obras consultadas, as quais não fazem referências quanto à absorção pela pele. Os índios da Amazônia já usavam contra excitação nervosa.

O uso tópico como cicatrizante foi comprovado pelas obras consultadas.

O emprego em garrafada associada ao angico (*Anadenanthera colubrina*), planta de ação no Sistema Nervoso Central, pode ocasionar alteração comportamental ao usuário.

Como veneno para a pesca, os índios americanos já tinham conhecimento e a ação ictiotóxica certamente deve-se à rotenona presente nas plantas do gênero *Erythrina*.

Conclusão

Os dados levantados permitem concluir que o uso de diferentes espécies do gênero *Erythrina* não interfere nos resultados desejados pelos usuários, visto que ficou constatado que os alcalóides responsáveis pelos efeitos ocorridos, estão em todas as espécies, certamente em doses variáveis.

Justifica-se, assim, o fato de serem empregadas as espécies ao alcance do usuário, como no caso da *E.speciosa* Andrews, usada pelo pai-de-santo em São Paulo.

Deve-se considerar que as plantas, tanto em rituais religiosos como nos rituais de cura nos sistemas de crença afro-brasileiros, são de modo geral as mesmas que o povo conhece das práticas médicas populares.

No caso das espécies de *Erythrina spp* empregadas nas curas, tanto de uso interno como externo foram estudadas conforme mencionado neste trabalho.

A eficácia oral justifica-se pela ação hipnótica e tranquilizante obtida pelo extrato fluido e tintura comprovados pelos produtos do Laboratório Silva Araujo.

Destaca-se a influência banto quanto ao nome vulgar mulungu, dado pelos negros, nome que corresponde a uma planta tóxica empregada na África em provas judiciais.

BIBLIOGRAFIA

1. Ducke, A. 1979. **Estudos botânicos do Ceará**. Mossoró, Rio Grande do Norte, Escola Superior de Agricultura, (Edição facsimilar da Separata dos Anais da Academia Brasileira de Ciências, 311(2):211-308, jun. 1959.
2. Souza, Gabriel S. 1974. **Notícia do Brasil (sec.16)**. Sao Paulo, Revista dos Tribunais.
3. Sampaio, Francisco A. **Histórica dos reinos vegetal, animal e mineral do Brasil pertencente à medicina. (sec.18)** In: Rio de Janeiro, Anais da Biblioteca Nacional, Div. Publicações e Divulgações.
4. Guennec, Gregoire & Valente, José Francisco. 1972 **Dicionário Português-Umbundo**. Instituto de Investigação Científica de Angola.
5. Watt, J.M. & Breyer-Brandwijk, M.G. 1962. **Te medicinal and poisons plants of Southern and eastern Africa**. 2ª ed., Livingstone.
6. Abraham, R.C. 1962. **Dictionary of modern yoruba**. London, Hodder & Stoughton.
7. Fonseca Junior, Eduardo 1988. **Dicionário Yoruba (nagô) Português**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
8. Cascudo, Luís da Câmara 1980. **Dicionário do folclore brasileiro**. 5.ed., Sao Paulo, Melhoramentos.
9. Ferreira, A. Rita 1962. **Bibliografia etnológica de Moçambique**. Lisboa.
10. Vogel, J. Virgil 1973. **American indian medicine**. New York, Ballantine Books.
11. Krukoff, B.A. & Barneby, R.C. (1974). **Erythrina**. In: **Lloydia** vol. 37(3) sept. New York.
12. Zanini, Antonio Carlos & Oga, Seize 1979. **Farmacologia aplicada**. Sao Paulo, Editora Universidade de Sao Paulo.
13. Goodman, L.S. & Gilman, A. 1958. **As bases farmacológicas da terapêutica**. tomo I e II, Rio de Janeiro, Guanabara.
14. Coimbra, R. & Diniz, E. 1942. **Notas de fitoterapia**. Rio de Janeiro, laboratório Silva Araujo.
15. Da Matta, A.A. 1913. **Flora médica brasiliense**. Manaus, Imprensa Oficial.
16. Raffaut, Robert F. 1970. **A handbook of alkaloids - Alkaloids containing plants**.
17. Folkers, Koniuszy 1940. Erysocine: alcaloide con acción similar ao curare, aislados de diversas spp de **Erythrina**. In: **J. Am. Chem. Soc.** (62):1677.
18. **Gould's Medical Dictionary** 1947. 5ª ed., Philadelphia - Toronto, Maple Press.
19. Lewis, W.H. & Elvin-Lewis, M.P.F. 1977. **Medical botany**. E.U.A., John Wiley.
20. Correa, M.P. 1931 **Dicionário das plantas úteis e das espécies cultivadas**. 5 volumes, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional.
21. Crovetto, R.N. Martínez 1964. Estudios etnobotánicos I. Nombres de plantas y su utilidad según los indios Tobas del Este del Chaco. In: **Bonplandia** 1 (4):313 - Corrientes, Argentina.

22. Penna, Meira 1946. **Dicionário brasileiro de plantas medicinais**. 3ª ed. Sao Paulo, Kosmos.
23. **Catálogo de extratos fluidos** 1930. Rio de Janeiro, Silva Araujo & Cia Ltda.
24. Cascudo, Luis da Câmara 1971. **Tradição, ciência e povo**, Perspectiva.
25. Pereira, Nunes 1980. **Moronguetá: um Decameron indígena**. 2 volumes, 2ª ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, INL. Col. Retratos do Brasil, v. 50-50a.
26. Agra, Maria de Fátima 1977. **Farmacopéia popular da Paraíba**. Joao Pessoa, Paraíba, FUNARTE/DAC/MEC.
27. Moreira Filho, Hernes 1972. **Plantas medicinais I**. Curitiba, Imprensa da Universidade do Paraná.
28. De Lucca, A. Manuel & Zalles A., Jaime 1992. **Flora medicinal boliviana**. Dicionário enciclopédico, La Paz, Bolivia.
29. Ratera, L.E. & Ratera, M.O. 1980. **Plantas de la flora argentina empleadas en medicina popular**. Buenos Aires, Argentina, Ed. Hemisferio Sur.
30. Parker, Jean 1987. **Mil plantas medicinales de la Rep. Argentina y la América del Sur**. Argentina, Editorial Caymi.
31. Toursarkissian, M. 1980. **Plantas medicinales de la Argentina**. Argentina, Ed. Hemisferio Sur.
32. Bastide, Roger (1959). **Sociologia do folklóre brasileiro**, Sao Paulo, Anhembi.
33. Cascudo, Luís da Câmara (1951). **Meleagro**, Rio de Janeiro, Perspectiva.
34. Figueiredo, Napoleao 1976. Pajelança e catimbó na regioao Bragantina. Nota prévia. In: **Rev. Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas**. Maceió, v.3.
35. Le Cointe, Paul 1947. **Arvores e plantas úteis, indígenas e aclimatadas**. Amazônia Brasileira III, 2ª ed., Rio de Janeiro, Ed. Nacional, Col. Brasileira v. 251.
36. Devlofen, V. 1953. La eritratidina, un nuevo alcaloide de *Erythrina falcata*. In: **Anuario Asociación Química Argentina**, 41, 43.
37. Gentile, R.A. & Sabiola, R.A. 1942. Estudios sobre plantas argentinas IV - Alcaloides de las especies de *Erythrina*. In: **Anuario Asociación Química Argentina**, 30:263.